

O papel das relações de discurso em uma entrevista concedida pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao jornal *Le Monde* /

Le rôle des relations de discours dans une interview accordée par l'ex-président Luiz Inácio Lula da Silva au journal 'Le Monde'

Gustavo Ximenes Cunha*

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde fez pós-doutorado. É professor da Faculdade de Letras da UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POS LIN / UFMG). É bolsista de produtividade do CNPq - nível 2 (304244/2019-8).



<https://orcid.org/0000-0001-9953-1204>

Recebido em: 10 abr. 2021. **Aprovado** em: 07 mai. 2021.

Como citar este artigo:

CUNHA, Gustavo Ximenes. O papel das relações de discurso em uma entrevista concedida pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao jornal *Le Monde*. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 185-205, mai 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10135357>

RESUMO

Neste artigo, analisamos a entrevista que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedeu em 13 de setembro de 2019 ao jornal *Le Monde*. A análise foi feita com base em uma abordagem para o estudo do papel das relações de discurso e seus marcadores na construção das imagens identitárias ou na dimensão dramática do discurso. Orienta esta abordagem a hipótese de que as relações de discurso que o locutor estabelece entre as informações que expressa lhe permitem antecipar as possíveis objeções do outro (interlocutor ou terceiro) quanto ao caráter ofensivo de sua intervenção e, dessa forma, impedir que o interlocutor avalie essa intervenção como um ataque à sua face ou uma invasão de seu território. A análise da entrevista mostrou que o locutor busca alcançar a completude monológica por meio do estabelecimento de relações de discurso, enquanto o interlocutor, se julga que essas relações não permitiram ao locutor alcançar a completude, pode formular objeções que se materializam na abertura de trocas subordinadas de clarificação ou na subordinação de trocas em andamento. Por meio das relações de discurso, o locutor tenta evitar as objeções que o interlocutor possa lhe dirigir, mas, dado o dinamismo do processo de negociação, ele não tem nenhuma garantia de que as relações que estabelece são suficientes para se antecipar às ofensas que seu discurso pode provocar.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de discurso ; Imagens identitárias ; Entrevista ; Luiz Inácio Lula da Silva.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous analysons l'interview que l'ex-président Luiz Inácio Lula da Silva a accordée le 13 septembre 2019 au journal *Le Monde*. L'analyse sera faite au moyen d'une approche pour l'étude du rôle des relations de discours et de leurs marqueurs dans la construction d'images identitaires ou dans la dimension dramaturgique du discours. Guide cette approche l'hypothèse selon laquelle les relations de discours que le locuteur établit entre les informations qu'il exprime lui permettent d'anticiper les éventuelles objections de l'autre (interlocuteur ou tiers) concernant le caractère offensif de son intervention et, ce faisant, d'empêcher l'interlocuteur d'évaluer cette intervention comme une attaque de sa face ou une invasion de son territoire. L'analyse de l'interview a montré que le

** ximenescunha@yahoo.com.br



locuteur cherche à atteindre la complétude monologique à travers l'établissement de relations de discours, tandis que l'interlocuteur, s'il juge que ces relations n'ont pas permis au locuteur d'atteindre la complétude, peut formuler des objections qui se matérialisent soit par l'ouverture d'échanges subordonnés de clarification, soit par la subordination d'échanges en cours. À travers les relations de discours, le locuteur essaie d'éviter les objections que l'interlocuteur peut lui adresser, mais, compte tenu du dynamisme du processus de négociation, il n'a aucune garantie que les relations qu'il établit sont suffisantes pour anticiper les offenses que son discours peut provoquer.
MOTS-CLÉS : Relations de discours ; Images identitaires ; Interview ; Luiz Inácio Lula da Silva.

1 Introdução

As abordagens para o estudo das relações de discurso se dedicam tradicionalmente a descrever as relações que emergem da articulação de diferentes unidades, bem como os marcadores que as sinalizam (cf. MANN ; THOMPSON, 1986 ; MOESCHLER, 1998, 2009 ; FRASER, 1999, 2006 ; ROSSARI, 2000 ; BUSQUETS ; VIEU ; ASHER, 2001 ; ASHER ; VIEU, 2005 ; TABOADA, 2006 ; ZUFFEREY, 2012). Como discutido em outros trabalhos (CUNHA, 2020a, 2020b), essas abordagens não se ocupam do estudo do papel que essas relações e seus marcadores podem desempenhar na dimensão dramática do discurso, ou seja, na construção conjunta de imagens identitárias pelos interactantes. É verdade que, de forma mais ou menos sistemática, o papel de diferentes relações de discurso (mas em particular da relação de concessão) e de seus marcadores na dimensão dramática foi revelado por trabalhos inseridos na tradição enunciativa ou na tradição interacionista dos estudos da linguagem (cf. DUCROT et al., 1980 ; MOESCHLER ; SPENGLER, 1982 ; VINCENT ; HEISLER, 1999 ; DUCROT, 2005 ; DOURY ; KERBRAT-ORECCHIONI, 2011 ; LAFOREST, 2012 ; PERRIN, 2012 ; KUYUMCUYAN 2016)¹. No entanto, como já apontado (CUNHA, 2017, 2020a), as indicações disponíveis desse papel ainda são isoladas e não permitem constituir uma abordagem única para o estudo do modo como as relações de discurso e seus marcadores permitem aos interactantes construir imagens de si ao longo da interação.

Em Cunha (2020a), partimos dessa lacuna para apresentar elementos para uma abordagem do papel das relações de discurso e seus marcadores na construção de imagens identitárias ou na dimensão dramática do discurso. Essa abordagem interacionista orienta-se pela hipótese de que o estabelecimento de qualquer relação de discurso é motivado pela busca do locutor por evitar uma objeção do outro (interlocutor ou terceiro). Em outras palavras,

¹ Na literatura consultada, a maior parte dos trabalhos estuda a dimensão dramática a partir ou da noção retórica de ethos ou da noção goffmaniana de face (GOFFMAN, 1967 [1955]; BROWN; LEVINSON, 1987).

[...] as relações de discurso que o locutor estabelece entre as informações que expressa permitem a ele antecipar-se a possíveis objeções do outro (interlocutor ou terceiro) quanto à natureza ofensiva de sua intervenção, na busca por fazer com que o outro não avalie essa intervenção como um ataque à sua face ou uma invasão de seu território. (CUNHA, 2020a, p. 110).

Nesta contribuição, o objetivo é verificar a pertinência dessa maneira de compreender e estudar esse plano da organização do discurso na análise de uma entrevista concedida pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 13 de setembro de 2019, ao jornal *Le Monde*². Essa entrevista foi a primeira concedida pelo ex-presidente a um jornal francês desde sua prisão em abril de 2018, prisão resultante de uma investigação sobre supostos crimes de corrupção. Promovida por um dos maiores jornais da Europa, a entrevista revela o significado histórico da própria prisão e os interesses que a suscitaram. Como é cada vez mais evidente e reconhecido inclusive pela mais alta corte de justiça do Brasil, o Supremo Tribunal Federal (STF)³, essa investigação, denominada “Lava Jato”, foi motivada por interesses políticos, pois impediu o ex-presidente de concorrer às eleições presidenciais de 2018. Em 8 de novembro de 2019, um ano após a eleição, Luiz Inácio Lula da Silva (doravante Lula) foi libertado.

Nessa perspectiva, justificamos o estudo dessa entrevista à luz de uma abordagem interacionista das relações de discurso com base em dois argumentos. O primeiro diz respeito ao próprio gênero *entrevista*, que, em geral, se caracteriza pela focalização da subjetividade do entrevistado e pela exposição de sua intimidade, de suas opiniões e de sua visão de mundo, o que implica estratégias de proteção de face (VION, 1992 ; ROULET, 1999, 2000b). O segundo argumento para o estudo desta entrevista diz respeito ao fato de o entrevistado, Lula, ser uma figura política acusada de ter cometido crimes, o que o coloca no dever de se defender e, assim, de utilizar estratégias de proteção de face. E, como a entrevista foi concedida a um jornal de renome internacional, essa defesa ganha mais importância para o entrevistado, devido à maior visibilidade da entrevista.

Neste artigo, apresentaremos, em um primeiro momento, a noção de relações de discurso que consideramos apropriada em uma abordagem interacionista das relações de discurso, retomando de forma abreviada as discussões propostas em Cunha (2020a). Em

² A entrevista pode ser consultada em: https://www.lemonde.fr/international/article/2019/09/12/lula-bolsonaro-est-d-abord-le-resultat-d-un-rejet-de-la-politique_5509376_3210.html.

³ Sobre esse tema, cf.: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=462854&ori=1>.

seguida, verificaremos como essa abordagem pode ser utilizada para compreender relações de discurso estabelecidas na entrevista concedida por Lula ao jornal *Le Monde*.

2 As relações de discurso e a dimensão dramatúrgica do discurso⁴

Em nossas pesquisas, adotamos as proposições de Roulet para o tratamento das relações de discurso e de seus marcadores, devido à orientação cognitivo-interacionista de sua abordagem para o estudo da complexidade discursiva (ROULET, 1999, 2006 ; ROULET ; FILLIETTAZ ; GROBET, 2001 ; FILLIETTAZ ; ROULET, 2002). Nessa perspectiva, a estrutura de toda troca verbal resulta de um processo de negociação que, segundo o autor, está submetido a dois tipos de restrições de completude: a completude dialógica e a completude monológica. A restrição da completude dialógica corresponde à obtenção do duplo acordo. Para Roulet (ROULET et al., 1985, p. 15),

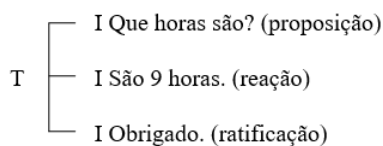
toda negociação tem sua origem em um problema que dá origem a uma *iniciativa* do locutor; essa iniciativa pede uma *reação*, favorável ou desfavorável, do interlocutor. Se for favorável, o locutor pode encerrar a negociação, expressando, por sua vez, seu *acordo*⁵.

Se o interlocutor reage favoravelmente à proposição inicial do locutor, a interação é representada por uma estrutura de troca composta por três intervenções, cada uma correspondendo a uma etapa do processo de negociação: proposição, reação e ratificação. É o que ilustra o seguinte diálogo: A: *Que horas são?* B: *São 9 horas.* A: *Obrigado.* (Na Fig. 1, troca = T, intervenção = I.)

⁴ Nesta seção, recuperamos as principais proposições feitas em Cunha (2020a, p. 113-117) sobre a abordagem de Roulet para o estudo das relações de discurso, mas acrescentamos precisões relativas à forma como as ofensas podem se materializar na estrutura do discurso.

⁵ Original: “[...] toute négociation a sa source dans un problème qui donne lieu à une *initiative* du locuteur; cette initiative appelle une *réaction* qui peut être favorable ou défavorable, de l’interlocuteur. Si elle est favorable, le locuteur peut clore la négociation en exprimant à son tour son *accord*.”

Figura 1 : Troca 1



Fonte : Cunha (2020a, p. 114).

No entanto, se a reação do interlocutor à proposição inicial for desfavorável (recusa em aceitar um convite ou em fornecer informações, por exemplo), a negociação não pode ser encerrada. A reação desfavorável pode levar o locutor a produzir uma contraproposição, reformulando sua proposição inicial. Nesse caso, a estrutura da troca se estende e pode conter mais do que três intervenções, como ilustramos por meio deste diálogo: A: *Que horas são?* B: *Não sei.* A: *Por que você não olha seu relógio?* B: *Ele parou de funcionar.*

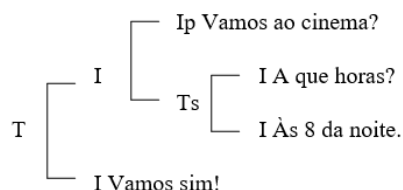
Além da restrição da completude dialógica, os interlocutores devem satisfazer outra restrição, a completude monológica, para que a negociação possa se desenvolver. Essa restrição diz respeito à necessidade de o locutor elaborar cada etapa do processo de negociação - proposição, reação ou ratificação - de forma suficientemente adequada e completa do ponto de vista comunicativo e ritual, para que o interlocutor possa desenvolver o processo de negociação. Contudo, cabe ao interlocutor a tarefa de avaliar se a intervenção do locutor é suficientemente adequada e completa, em função dos parâmetros do contexto em que ambos se encontram⁶. Se ele considera a intervenção inadequada, pode adotar pelo menos dois procedimentos para obter a completude da intervenção.:

- Abrir um processo de negociação secundário para pedir esclarecimentos ao locutor e, após os esclarecimentos, desenvolver a negociação principal. A abertura de uma negociação secundária pelo interlocutor materializa-se em uma troca subordinada à intervenção do locutor. É o que este diálogo permite verificar: A: *Vamos ao cinema?* B: *A que horas?* A: *Às 8 da noite.* B: *Vamos sim!* Nesse diálogo, para responder favoravelmente ao convite de A, B precisou iniciar uma negociação secundária (B: *A que horas?* A: *Às 8 da noite.*) com a qual mostrou que, em sua opinião, o convite de A

⁶ “Só este [o interlocutor] pode julgar, em última instância, se a intervenção do locutor lhe oferece todos os elementos necessários para que possa se posicionar, expressar seu acordo ou desacordo” (ROULET et al., 1985, p. 17). Original: “Celui-ci seul [l’interlocuteur] peut juger, en dernier ressort, si l’intervention du locuteur lui fournit tous les éléments nécessaires pour qu’il puisse prendre position, exprimer son accord ou son désaccord”.

(*Vamos ao cinema?*) estava incompleto, não lhe permitindo reagir. A Fig. 2 representa essa análise (troca = T, intervenção = I, ato = A, principal = p, subordinado = s).

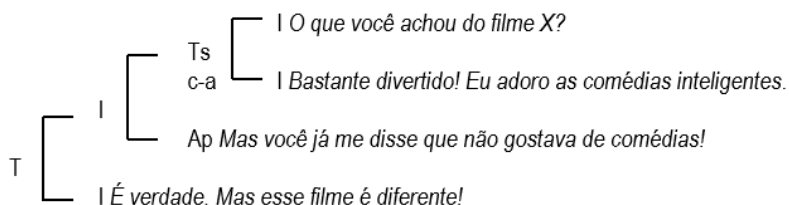
Figura 2 : Troca 2



Fonte : Cunha (2020a, p. 115).

- Subordinar o processo de negociação em curso ao constituinte principal da proposição inicial de um novo processo de negociação. Nesse caso, o interlocutor, após a intervenção do locutor, opta por não dar continuidade à troca em curso, subordinando-a retroativamente ao constituinte principal (ato ou intervenção) da proposição inicial de uma nova troca, como ocorre neste diálogo: A: *O que você achou do filme X?* B: *Bastante divertido! Eu adoro as comédias inteligentes.* A: *Mas você já me disse que não gostava de comédias!* B: *É verdade. Mas esse filme é diferente!* Nessa troca, A, insatisfeito com a resposta de B à sua pergunta, subordina a troca composta pela pergunta e pela resposta ao ato principal da proposição inicial de uma nova troca (*Mas você já me disse que não gostava de comédias!*), ato com o qual ele explicita sua objeção à resposta de B. A Fig. 3 representa essa análise (troca = T, intervenção = I, principal = p, subordinado = s, contra-argumento = c-a).

Figura 3 : Troca 3



Fonte : elaboração própria

Em ambos os procedimentos, exploram-se as propriedades recursivas do processo de negociação (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), na medida em que a troca (a maior

unidade dialógica) entra na composição da intervenção (a maior unidade monológica), o que revela a natureza conversacional mesmo das unidades monológicas do discurso, como enfatizado por Roulet em diferentes trabalhos (ROULET et al., 1985, chap. 1 ; ROULET, 1986, 1987, 1992, 1999). A diferença entre os dois procedimentos reside no caráter prospectivo do primeiro, introduzindo uma troca subordinada, e retrospectivo do segundo, subordinando a troca em curso⁷.

Nessa perspectiva de interação como negociação, as relações de discurso vinculam-se às restrições de completude dialógica e de completude monológica. Roulet propõe dois tipos de relações de discurso: as ilocucionárias, cujo estabelecimento está vinculado à completude dialógica, e as interativas, cujo estabelecimento está vinculado à completude monológica. Para cada um dos tipos, o autor propõe categorias genéricas de relações. As relações ilocucionárias podem ser categorizadas, de acordo com Roulet, como: iniciativas (pergunta, pedido e informação) e reativas (resposta e ratificação) (ROULET ; FILLIETTAZ ; GROBET, 2001).

Já as categorias de relações interativas são as seguintes: argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, comentário, clarificação (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; ROULET, 2006). Essas relações correspondem a manobras com as quais os interlocutores buscam atingir a completude monológica, elaborando uma intervenção que consideram satisfatória para o desenvolvimento da interação. Assim, ao estabelecer uma relação interativa, o locutor revela sua vontade de produzir uma intervenção que possa ser considerada suficientemente adequada pelo interlocutor, para que este possa desenvolver o processo de negociação e exprimir sua reação ou sua ratificação. Por sua vez, o interlocutor, se perceber (avaliar) que a intervenção do locutor não satisfaz a restrição da completude monológica, pode realizar duas ações: i) abrir uma negociação secundária, que se materializa em uma troca subordinada ligada à intervenção do locutor por uma relação interativa de clarificação, conforme ilustrado na Fig. 2; ii) subordinar a troca em curso ao constituinte principal da proposição inicial de uma nova troca, ligando a troca subordinada ao constituinte principal por uma relação de contra-argumento, como mostrado na Fig. 3, mas também por uma relação de argumento ou reformulação.

Em relação aos marcadores das relações de discurso, as relações ilocucionárias são sinalizadas pelas construções sintáticas básicas da sentença (declarativa, interrogativa,

⁷ Os procedimentos de prospecção (programação) e retrospectão (retrointerpretação) próprios do processo de negociação são descritos em Moeschler (1996) e Roulet (1999, 2000a).

imperativa) e por verbos performativos (*ordenar, prometer, perguntar*, etc.). As interativas são sinalizadas por conectores (*mas, porque, portanto*, etc.) e por construções sintáticas, como deslocamento à esquerda, marcando a relação de topicalização (ROULET, 1980 ; ROULET et al., 1985 ; ROULET ; FILLIETTAZ ; GROBET, 2001 ; CUNHA, 2020a).

O processo de negociação e, mais especificamente, o estabelecimento de relações de discurso são diretamente ligados à dimensão dramática do discurso (CUNHA, 2020a, 2021 ; CUNHA ; TOMAZI, 2019). Do ponto de vista dessa dimensão, toda objeção de um interlocutor à completude monológica da intervenção produzida pelo locutor sempre toca o plano ritual da interação ou sua dimensão dramática, mesmo que, com essa objeção, o interlocutor pareça se ater a aspectos essencialmente comunicativos (CUNHA, 2020a ; BURGER ; JACQUIN, 2015 ; HAUGH, 2015). Em outros termos,

toda objeção feita por um dos interactantes ao comportamento do outro, mesmo a que recai sobre aspectos estritamente comunicativos, constitui uma ofensa para o alvo da objeção, porque (em grau maior ou menor, dependendo do contexto em que estão inseridos) põe em questão seu saber, suas qualidades de orador ou escritor habilidoso, sua legitimidade para dizer o que diz, seu poder presumido, as qualidades de seu caráter e de sua personalidade etc. (CUNHA, 2020a, p. 119).

As objeções podem se manifestar de duas maneiras:

- por meio da abertura de uma troca subordinada de clarificação (como exemplificamos na Fig. 2). A abertura de tal troca coloca em perigo as imagens identitárias dos interlocutores, porque permite ao interlocutor revelar que o locutor o ofendeu e porque constitui uma ofensa ao locutor, que, com a troca, é (explícita ou implicitamente) avisado de que adoptou, na elaboração de sua intervenção, uma linha de conduta considerada inadequada ao contexto (CUNHA, 2019, 2020a);
- por meio da subordinação da troca em curso ao constituinte principal (ato ou intervenção) da proposição inicial de uma nova troca (conforme exemplificamos na Fig. 3). A subordinação da troca em curso coloca igualmente em risco as imagens identitárias dos interlocutores, pois permite ao interlocutor sinalizar que a intensidade da

ofensa cometida pelo locutor é tal que é preferível reinterpretar a troca em curso, subordinando-a, e reorientar a negociação.

Segundo nossa hipótese exposta na introdução, as relações de discurso que o locutor estabelece lhe permitem antecipar as possíveis objeções do outro (interlocutor ou terceiro) quanto ao caráter ofensivo da sua intervenção e, assim, evitar que o interlocutor avalie essa intervenção como um ataque de sua face ou uma invasão de seu território. Dessa forma, as relações podem ser compreendidas como recursos que os interlocutores utilizam para desenvolver o processo de figuração (CUNHA, 2020a, 2020b, 2021). O locutor estabelece as relações (argumento, reformulação, comentário, etc.) para antecipar e evitar possíveis objeções quanto a problemas comunicativos e rituais de sua intervenção, objeções que, como vimos, podem se materializar ou na abertura de uma troca subordinada de clarificação ou na subordinação da troca em curso ao constituinte principal (ato ou intervenção) da proposição inicial de uma nova troca.

Perspectivas próximas da nossa sobre o papel das relações de discurso na dimensão dramática da interação foram desenvolvidas em diferentes quadros teóricos. Apresentamos apenas dois exemplos dessas perspectivas. Na praxemática, os trabalhos, embora não abordem a dimensão dramática do discurso, descrevem recursos linguísticos que, enquanto marcadores do dialogismo interlocutivo responsivo (*marqueurs du dialogisme interlocutif responsif*), permitem ao locutor antecipar as objeções que o interlocutor pode lhe endereçar (BRES; NOWAKOWSKA, 2006, 2008; BRES, NOWAKOWSKA; SARALE 2016). Entre esses recursos encontram-se relações de discurso, como concessão e reformulação.

No quadro de uma teoria da macrossintaxe, Berrendonner (2008) analisa as inserções parentéticas (IP) como manobras discursivas com as quais o locutor antecipa, para evitar, uma reação (pergunta ou contra-argumento) do interlocutor. Em virtude de sua natureza de operação combinatória local, as IPs são menos perturbadoras do desenvolvimento da interação do que as trocas motivadas pelas reações do interlocutor, trocas que, segundo o autor (2008, p. 17), podem “causar perturbações em maior escala”. Ao desempenhar uma função similar à das relações de discurso, as IPs antecipatórias “poupam aos dois interlocutores a abertura de uma ‘sequência lateral’ dedicada a regular uma disputa entre eles” (BERRENDONNER, 2008, p. 17)⁸.

⁸ Original: [les IP anticipatrices] «épargnent aux deux interlocuteurs l’ouverture d’une ‘séquence latérale’ consacrée à régler un différend entre eux».

Na próxima seção, examinaremos como as proposições apresentadas até aqui sobre as relações de discurso permitem compreender, a partir de uma perspectiva interacionista, o papel dessas relações na dimensão dramática de uma entrevista concedida pelo ex-presidente Lula ao jornal *Le Monde*.

3 O papel das relações de discurso na dimensão dramática de uma entrevista

Nesta seção, buscamos evidenciar que as proposições apresentadas anteriormente podem ajudar a compreender as motivações para o estabelecimento de relações de discurso e sua marcação por conectores. Para isso, analisaremos a entrevista do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedida ao jornalista Bruno Meyerfeld e publicada em 13 de setembro de 2019 no jornal *Le Monde*. Como já expusemos, essa entrevista foi a primeira concedida pelo ex-presidente a um jornal francês desde sua prisão em abril de 2018, prisão que resultou de uma investigação sobre supostos crimes de corrupção e que o impediu de concorrer às eleições presidenciais de 2018.

Na análise, não procederemos ao estudo da entrevista completa. Em razão de nossos objetivos, focalizaremos três fenômenos:

- 1) o papel das relações de discurso na antecipação das objeções do interlocutor, ou seja, o impacto do estabelecimento de relações de discurso sobre o comportamento do interlocutor, restringindo suas ações no processo de negociação;
- 2) as motivações do interlocutor para a abertura de uma troca subordinada de clarificação ou para a subordinação da troca em curso ao constituinte principal da proposição inicial de uma nova troca;
- 3) o grau de ameaça dos dois procedimentos mencionados em (2) para a face e o território do locutor.

Quanto ao primeiro fenômeno, o locutor, ao estabelecer uma relação de discurso, antecipa uma possível objeção do interlocutor, a fim de alcançar a completude monológica de

forma autônoma, ou seja, sem a intervenção ou a colaboração do interlocutor. Na primeira intervenção de Lula na entrevista, em resposta à pergunta « Après un an et demi en prison, commencez vous à ressentir une forme de découragement ou de lassitude? » ("Depois de um ano e meio na prisão, você começa a sentir uma forma de desânimo ou de cansaço?"⁹), ele informa¹⁰:

- 1) (1) Non, (2) je me sens bien, moralement et physiquement. (3) J'ai l'esprit tranquille, (4) car je sais pourquoi je suis ici. [...]

(Não, me sinto bem, moral e fisicamente. Tenho o espírito tranquilo, pois sei por que estou aqui. [...])

Ao justificar o ato (3) com a informação expressa em (4), Lula impede o jornalista de abrir uma troca subordinada em que, buscando uma explicação relativa a seu estado de espírito, o entrevistador opor-se-ia à forma como o entrevistado construiu o intervenção e sinalizaria que esta intervenção não atende às exigências comunicativas e/ou rituais da completude monológica:

- 2) *Lula*: J'ai l'esprit tranquille. (Tenho o espírito tranquilo.)

Jornalista: Pourquoi avez-vous l'esprit tranquille? (Por que você tem o espírito tranquilo?)

Assim, estabelecendo a relação de argumento sinalizada pelo conector *car* (*pois*), Lula antecipa uma objeção que o interlocutor poderia lhe dirigir. Por esse motivo, a relação restringe o modo de participação do interlocutor no encontro, como evidencia a inaceitabilidade da seguinte troca, em que a pergunta do entrevistador reivindica a justificativa já dada pelo entrevistado:

- 3) *Lula*: J'ai l'esprit tranquille, car je sais pourquoi je suis ici. (Tenho o espírito tranquilo, pois sei por que estou aqui.)

⁹ A entrevista concedida por Lula ao *Le Monde* foi traduzida e publicada em alguns veículos de comunicação no Brasil, como o Jornal GGN (<https://jornalggn.com.br/noticia/lula-ao-le-monde-bolsonaro-e-antes-de-tudo-o-resultado-de-uma-rejeicao-da-politica/>), e no site do Partido dos Trabalhadores (<https://pt.org.br/bolsonaro-nao-faz-nada-ele-so-destrui-diz-lula-ao-le-monde/>). Porém, neste artigo optamos por realizar nossa tradução dos excertos analisados, para que esta seja a mais próxima possível do texto originalmente publicado no *Le Monde*.

¹⁰ Nesta seção, a numeração nos excertos indica sua segmentação em atos. Pode-se consultar a definição de ato, bem como os critérios de segmentação de um texto em atos em Grobet (2000, p. 77-96) e Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p. 58-71). Nos excertos, a numeração de cada turno de fala é independente da numeração dos outros turnos de fala. É por isso que o primeiro ato de cada turno é numerado (1).

Jornalista: Pourquoi avez-vous l'esprit tranquille? (Por que você tem o espírito tranquilo?)

Tal troca seria aceitável somente se a pergunta constituísse um pedido de repetição da justificativa, pedido por meio do qual o interlocutor verificaria se entendeu corretamente a justificativa. Por exemplo: “Por que você tem o espírito tranquilo? Você pode repetir, por favor? Não te escutei direito”.

No entanto, se o estabelecimento de uma relação de discurso impede a formulação de uma objeção, evidentemente não impede que outras objeções não previstas pelo locutor sejam formuladas pelo interlocutor. A decisão do locutor de estabelecer uma relação de discurso baseia-se no modo como ele percebe seu interlocutor ou em suas expectativas acerca das exigências do interlocutor em termos de completude. Mas não é possível para o locutor assegurar que as objeções que evita, estabelecendo relações de discurso, são as únicas que o interlocutor poderia lhe dirigir. Ao mesmo tempo, ele não pode saber se essas objeções são realmente aquelas que o interlocutor lhe dirigiria. Como vimos, as objeções do interlocutor podem se materializar (ou textualizar) de duas maneiras, que correspondem ao segundo fenômeno que desejamos abordar: i) a abertura de uma troca subordinada de clarificação ou ii) a subordinação da troca em curso ao constituinte principal (ato ou intervenção) da proposição inicial de uma nova troca.

Para estudar o que leva o interlocutor a avaliar como incompleta a intervenção do locutor, apesar das relações estabelecidas, e a abrir uma troca subordinada de clarificação, examinemos este excerto extraído do final da primeira resposta de Lula:

- 4) [...] (8) Alors oui, (9) la prison, (10) c'est une mise à l'épreuve. (11) Mais j'ai beaucoup d'énergie, (12) je suis très serein. (13) J'ai la certitude que je vais vaincre.

(Então sim, a prisão é uma provação. Mas eu tenho muita energia, estou muito calmo. Eu tenho a certeza que vou vencer.)

Com a relação de contra-argumento marcada por *mais* (*mas*), Lula diminui a importância das informações expressas em (8-10), ao refutar a conclusão que delas se pode tirar (*Então, estou abatido e sem energia*) com o argumento “(11) Mais j'ai beaucoup d'énergie, (12) je suis très serein. (13) J'ai la certitude que je vais vaincre” (Mas eu tenho muita energia, estou muito calmo. Eu tenho a certeza que vou vencer). Assim, com a relação de contra-argumento, o locutor

refuta antecipadamente uma objeção que o interlocutor poderia lhe dirigir e que corresponde à conclusão refutada: *Você está abatido e sem energia?*

Contudo, os argumentos apresentados por Lula para explicar sua energia são de ordem moral (sua serenidade e sua certeza da vitória) e não parecem satisfazer às exigências do entrevistador para a obtenção da completude da resposta, como evidencia a pergunta que ele faz logo em seguida («Comment votre quotidien est-il organisé?» (Como seu cotidiano está organizado?)). Com a pergunta, o entrevistador abre uma troca subordinada cujo papel é obter informações mais concretas sobre o cotidiano do ex-presidente. Assim, com essa pergunta, o entrevistador faz uma objeção sobre a maneira como Lula buscou alcançar a completude de sua intervenção, mostrando que a considerou incompleta.

Essa forma de fazer objeções por meio da abertura de trocas subordinadas de clarificação é recorrente na entrevista concedida por Lula ao *Le Monde*. O jornalista realiza esse procedimento cinco vezes, quando faz perguntas como «Vous identifiez-vous à eux [tous ceux qui se sont battus au Brésil pour le peuple]?» (Você se identifica com eles [todos aqueles que lutaram no Brasil pelo povo]?) e «Accepteriez-vous un régime semi-ouvert?» (Você aceitaria um regime semiaberto?). E mesmo Lula utiliza esse recurso no seguinte excerto (segmento sublinhado):

- 5) *Jornalista*: (1) «L'anti-PTisme», ou rejet du PT [Parti des Travailleurs, le parti politique de l'ex-président], est très fort chez une partie de la population au Brésil. (2) Le temps de faire une autocritique, voire de tourner une page, de créer un nouveau parti ou de changer son nom, (3) n'est-il pas venu?

(O “anti-PTismo”, ou a rejeição do PT [Partido dos Trabalhadores, partido político do ex-presidente], é muito forte entre uma parte da população no Brasil. O momento de fazer uma autocrítica, até de virar uma página, de criar um novo partido ou de mudar seu nome, não chegou?)

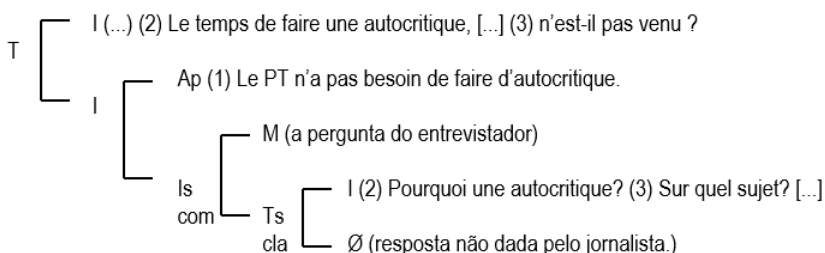
Lula: (1) Le PT n'a pas besoin de faire d'autocritique. (2) Pourquoi une autocritique? (3) Sur quel sujet? [...]

(O PT não tem necessidade de fazer autocrítica. Por que uma autocrítica? Sobre qual assunto? [...])

As perguntas/objeções de Lula revelam que, para ele, a pergunta do jornalista nos atos (2-3) é incompleta, uma vez que, de seu ponto de vista, o entrevistador não estabeleceu relações de discurso com as quais justificasse sua pergunta. Assim, a troca que Lula abre é subordinada não ao ato imediatamente anterior, com o qual inicia sua reação negativa (“(1) Le

PT n'a pas besoin de faire d'autocritique." (O PT não tem necessidade de fazer autocrítica.)), mas às informações da memória discursiva¹¹ expressas na pergunta do jornalista, conforme mostrado na Fig. 4 (troca = T, intervenção = I, ato = A, principal = p, subordinado = s, memória discursiva = M, comentário = com, clarificação = cla).

Figura 4 : Troca 4



Fonte : elaboração própria

Em uma troca, a avaliação pelo interlocutor da incompletude da intervenção produzida pelo locutor também pode ser expressa por objeções com as quais o interlocutor opta não por abrir uma troca subordinada de clarificação, procedimento com o qual ele colabora com o locutor na construção de sua intervenção, mas por subordinar a troca em curso ao constituinte principal da proposição inicial de uma nova troca. Na entrevista concedida por Lula, apenas o jornalista opta em duas ocasiões por essa forma de fazer objeções. A primeira encontra-se nesta troca, reduzida aos constituintes que nos interessam:

6) *Jornalista:* (1) Quelles sont les solutions, selon vous, pour remédier aux incendies qui dévastent actuellement l'Amazonie?

(Quais são as soluções, para você, para remediar os incêndios que devastam atualmente a Amazônia?)

Lula: (1) Le peuple doit réagir. (2) Il faut que les Brésiliens se mobilisent et manifestent pour la défense de l'environnement. (3) Car il n'y a rien à espérer de Bolsonaro [l'actuel président] ni de ses ministres, sur ce sujet. (4) Je dois rappeler, au passage, que mon gouvernement, celui du Parti des travailleurs [PT], a été celui qui s'est le mieux occupé de l'Amazonie. [...] (8) On s'est occupé de l'environnement, (9) et on s'en est bien occupé.

¹¹ A memória discursiva é definida por Berrendonner (1983, p. 230-231) como "o conjunto dos saberes conscientemente compartilhados pelos interlocutores". Ela abarca "os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc.) que servem de axiomas aos interlocutores para realizarem uma atividade dedutiva", bem como "as enunciações sucessivas que constituem o discurso".

(O povo deve reagir. É preciso que os brasileiros se mobilizem e manifestem em defesa do meio ambiente. Porque não há nada a se esperar de Bolsonaro [atual presidente] nem de seus ministros sobre este assunto. Devo lembrar, de passagem, que meu governo, o do Partido dos Trabalhadores [PT], foi o que melhor cuidou da Amazônia. [...] Cuidamos do meio ambiente, e cuidamos bem dele.)

Jornalista: (1) Il y eut pourtant, sous votre présidence (2003-2011) et celle de Dilma Rousseff (2011-2016), de nombreuses critiques émises par les défenseurs de l'environnement. (2) Notamment au sujet de la construction du barrage de Belo Monte, en Amazonie... (3) Le PT peut-il vraiment donner des leçons sur le sujet de l'Amazonie?

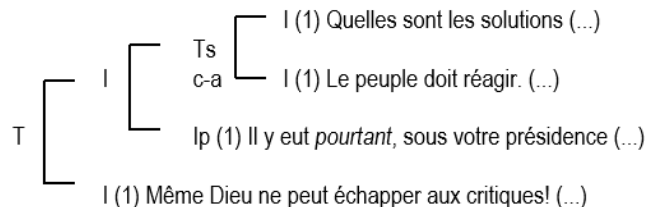
(Houve, no entanto, sob sua presidência (2003-2011) e a de Dilma Rousseff (2011-2016), numerosas críticas emitidas pelos defensores do meio ambiente. Principalmente sobre a construção da barragem de Belo Monte, na Amazônia... O PT pode realmente dar aulas sobre o assunto da Amazônia?)

Lula: (1) Même Dieu ne peut échapper aux critiques! (2) Et pour un gouvernement, (3) c'est encore pire. (4) On a fait tout ce qu'il était possible de faire. [...]

(Nem Deus pode escapar das críticas! E para um governo, é ainda pior. Fizemos tudo o que era possível fazer. [...])

Nessa troca, a segunda pergunta do jornalista ("Il y eut pourtant, sous votre présidence" [...]) (Houve, no entanto, sob sua presidência [...])) mostra que, para ele, as relações de discurso estabelecidas por Lula em sua resposta não foram suficientes para a tornar completa. Mas, como indica o conector *pourtant* (*no entanto*) no início dessa pergunta, o jornalista inicia uma nova troca cuja proposição inicial se caracteriza por uma grande complexidade, pois é formada por uma intervenção principal (a pergunta) que subordina retroativamente a troca em curso, como representado na Fig. 5 (troca = T, intervenção = I, principal = p, subordinado = s, contra-argumento = c-a).

Figura 5 : Troca 5



Fonte : elaboração própria

A segunda ocorrência desse tipo de objeção é feita pelo jornalista nesta troca:

7) *Jornalista:* (1) «L'anti-PTisme», ou rejet du PT, est très fort chez une partie de la population au Brésil. (2) Le temps de faire une autocritique, voire de tourner une page, de créer un nouveau parti ou de changer son nom, (3) n'est-il pas venu ?

(O “anti-PTismo”, ou a rejeição do PT [Partido dos Trabalhadores, partido político do ex-presidente], é muito forte entre uma parte da população no Brasil. O momento de fazer uma autocrítica, até de virar uma página, de criar um novo partido ou de mudar seu nome, não chegou?)

Lula: (1) Le PT n'a pas besoin de faire d'autocritique. (2) Pourquoi une autocritique? (3) Sur quel sujet? (4) Le PT ne doit pas changer de nom, (5) mais changer ce qu'il y a dans la tête des gens. [...]

(O PT não tem necessidade de fazer autocrítica. Por que uma autocrítica? Sobre qual assunto? O PT não deve mudar de nome, mas mudar o que existe na cabeça das pessoas. [...])

Jornalista: (1) N'y aura-t-il donc aucune remise en cause de votre part?

(Não haverá portanto nenhum questionamento de sua parte?)

Lula: (1) Au Brésil, (2) on a toujours eu des gens au discours ultraréactionnaire qui gagnaient des élections: (3) ce n'est pas nouveau. (4) Bolsonaro est d'abord le résultat d'un rejet de la politique. [...]

(No Brasil, sempre houve pessoas com discurso ultra-reacionário que ganhavam eleições: isso não é novo. Bolsonaro é, antes de mais nada, o resultado de uma rejeição da política. [...])

Nessa troca, é o conector *donc* (*portanto*), presente na segunda pergunta do jornalista ("N'y aura-t-il donc aucune remise en cause de votre part?" (Não haverá portanto nenhum questionamento de sua parte?)), que sinaliza a subordinação da troca formada pela pergunta e pela resposta iniciais à segunda pergunta. Conseqüentemente, a macroestrutura hierárquica dessa troca e a macroestrutura da troca anterior têm a mesma configuração (Fig. 5). A única diferença é que, na troca em análise, o conector *donc* (*portanto*) sinaliza uma relação de argumento.

Embora os dois procedimentos realizados para formular objeções (abertura de troca subordinada e subordinação de troca em curso) revelem ao locutor a incompletude de sua intervenção, eles têm conseqüências diferentes para as faces e os territórios dos interlocutores ou para a dimensão dramática da negociação. Do nosso ponto de vista, o procedimento de subordinar uma troca de clarificação à intervenção anteriormente produzida pelo locutor é menos prejudicial para as imagens em jogo do que o procedimento de subordinar a troca em curso ao constituinte principal da proposição inicial de nova troca.

Adotando o primeiro procedimento (abertura de uma troca subordinada de clarificação), o interlocutor revela que, para que a intervenção do locutor seja completa, basta que os interlocutores suspendam momentaneamente o processo de negociação em curso, que será retomado logo após a resolução do problema e o encerramento da troca subordinada. A face do locutor é atacada, já que ele é avisado de que cometeu uma ofensa, ao não estabelecer relações de discurso que tornariam sua intervenção suficientemente adequada. Mas o interlocutor, abrindo essa troca, indica que a ofensa não é irreparável e permite ao locutor fornecer as informações (contra-argumentos, exemplos, comentários, justificativas, etc.) que, do ponto de vista do interlocutor, deveriam ter constituído sua intervenção.

Porém, com o segundo procedimento (subordinação da troca em curso), o interlocutor sinaliza não só que o locutor cometeu uma ofensa ao elaborar uma intervenção incompleta, mas também que a suspensão momentânea do processo de negociação para reparar a ofensa por meio de uma troca subordinada de clarificação é um procedimento irrealizável e que o melhor é interromper definitivamente a troca em curso e iniciar outra troca, reorientando a negociação. Ao adotar esse procedimento, o interlocutor ataca a face do locutor, que percebe o grau elevado de sua ofensa, bem como seu território, na medida em que ele é impedido de fornecer as informações que, do ponto de vista do interlocutor, o locutor deveria ter expressado em sua intervenção.

No que diz respeito ao texto em análise, esse segundo procedimento ressalta ainda uma característica do gênero *entrevista*. Nesse gênero, é o entrevistador o responsável por conduzir a interação, o que implica abrir, fechar e hierarquizar processos de negociação. Nesse sentido, esse procedimento decorre diretamente da legitimidade de que dispõe o entrevistador para invadir o território do entrevistado e, assim agindo, construir uma relação de lugares em que ele ocupa uma posição superior (MOESCHLER, 1985; KERBRAT-ORECCHIONI, 1991; VION, 1992; ROULET, 1999) e pode alternar fases de interrogação-confissão e de interrogatório (ROULET, 2000b; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET 2001, cap. 12).

Conclusão

Neste artigo, analisamos a entrevista que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva concedeu em 13 de setembro de 2019 ao jornal *Le Monde*, após sua prisão em abril de 2018. Essa análise foi feita com base em uma abordagem interacionista para o estudo do papel das relações de discurso na dimensão dramatúrgica do discurso. Conforme a hipótese que norteia essa abordagem, as relações de discurso que o locutor estabelece, ao produzir sua intervenção, lhe permitem antecipar as possíveis objeções do interlocutor quanto ao caráter ofensivo dessa intervenção e, assim, impedir que o outro (interlocutor ou terceiro) avalie essa intervenção como um ataque de sua face ou uma invasão de seu território (CUNHA, 2020a). Estabelecendo relações, o locutor tenta, assim, impedir que o interlocutor abra uma troca de clarificação ou subordine a troca em curso, procedimentos perigosos para as faces e os territórios em jogo.

Essa abordagem foi utilizada na compreensão da entrevista que Lula concedeu ao *Le Monde*. Embora não tenhamos explorado a entrevista completa nem todos os procedimentos efetuados pelos interlocutores para alcançar a completude de cada intervenção, a análise mostrou que o locutor busca alcançar a completude monológica por meio do estabelecimento de relações de discurso, enquanto o interlocutor, se julga que essas relações não permitiram ao locutor alcançar a completude, pode formular objeções que se materializam seja na abertura de trocas subordinadas de clarificação, seja na subordinação de trocas em curso. Nessa perspectiva, por meio das relações de discurso, o locutor tenta evitar as objeções que o interlocutor pode lhe dirigir, mas, dado o dinamismo do processo de negociação, ele não tem nenhuma garantia de que as relações que estabelece são suficientes para antecipar as ofensas que seu discurso pode provocar.

As proposições aqui apresentadas ilustram uma abordagem cujo objetivo é permitir uma ampla compreensão do papel das relações de discurso e de seus marcadores na interação e em sua dimensão dramatúrgica, compreensão que as abordagens centradas nos aspectos estruturais e informacionais dessas relações não permitem alcançar (CUNHA, 2020a, 2020b). Essas proposições, utilizadas na compreensão de uma entrevista, constituem, portanto, o ponto de partida para o estudo detalhado da maneira como os interlocutores desenvolvem o processo de coconstrução de imagens identitárias, por meio das relações de discurso e de seus marcadores.

| |
|--|
| CRedit |
| Reconhecimentos: Não é aplicável. |
| Financiamento: CNPq. Bolsa de Produtividade em Pesquisa (nível 2). Processo: 304244/2019-8. |
| Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito. |
| Aprovação ética: Não é aplicável. |
| Contribuições dos autores: Conceitualização, Curadoria de dados, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: CUNHA, Gustavo Ximenes. |

Referências

- ASHER, N. ; VIEU, L. Subordinating and coordinating discourse relations. *Lingua*, Amsterdam, v. 115, p. 591-610, 2005.
- BERRENDONER, A. «Connecteurs pragmatiques» et anaphore. *Cahiers de linguistique française*, Genève, v. 5, p. 215-246, 1983.
- BERRENDONER, A. Pour une praxéologie des parenthèses. *Verbum*, Paris, v. 30, p. 5-23, 2008.
- BRES, J. ; NOWAKOWSKA, A. Dialogisme: du principe à la matérialité discursive. In : PERRIN, L. (Éd.). *Le sens et ses voix*. Metz : Université de Metz, 2006, p. 21-48.
- BRES, J. ; NOWAKOWSKA, A. «J'exagère?...» Du dialogisme interlocutif. In : BIRKELUND, M. ; HANSEN, M. B. M. ; NOREN, C. (Éds.). *L'énonciation dans tous ses états*. Berne: Peter Lang, 2008, p. 1-27.
- BRES, J. ; NOWAKOWSKA, A. ; SARALE, J.-M. Anticipative interlocutive dialogism: Sequential patterns and linguistic markers in French. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 96, p. 80-95, 2016.
- BROWN, P., LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BURGER, M., JACQUIN, J. La textualisation de l'oral: éléments pour une observation de la construction collaborative de la complétude. In : ADAM, J.-M. (Éd.). *Faire texte*. Frontières textuelles et opérations de textualisation. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015, p. 277-318.
- BUSQUETS, J. ; VIEU, L. ; ASHER, N. La SDRT: une approche de la cohérence du discours dans la tradition de la sémantique dynamique. *Verbum*, Paris, v. 13, n. 1, p. 73-101, 2001.
- CUNHA, G. X. O papel dos conectores na co-construção de imagens identitárias: o uso do mas em debates eleitorais. *ALFA*, São José do Rio Preto, v. 61, n. 3, p. 599-623, 2017.
- CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. *Delta*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019.
- CUNHA, G. X. Relações de discurso e completude monológica: o impacto da restrição ritual sobre o estabelecimento das relações interativas. *Forma y Función*, Bogotá, v. 34, p. 1-24, 2021.

- CUNHA, G. X. Elementos para uma abordagem interacionista das relações de discurso. *Linguística*, Montevideu, v. 36, p. 107-129, 2020a.
- CUNHA, G. X. Uma abordagem interacionista para o estudo do papel das relações de discurso na construção conjunta de imagens identitárias. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 22, p. 151-170, 2020b.
- CUNHA, G. X. ; TOMAZI, M. M. O uso agressivo da linguagem em uma audiência: uma abordagem discursiva e interacionista para o estudo da im/polidez. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 17, p. 297-319, 2019.
- DOURY, M. ; KERBRAT-ORECCHIONI, C. La place de l'accord dans l'argumentation polémique: les cas du débat Sarkozy/Royal (2007). *A contrario*, Paris, v. 16, n. 2, p. 63-87, 2011.
- DUCROT, O. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In : DOURY, M. ; MOIRAND S. (Éds.). *L'argumentation aujourd'hui*. Positions théoriques en confrontation. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2005, p. 17-34.
- DUCROT, O. *et al. Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- FILLIETTAZ, L. ; ROULET, E. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. *Discourse Studies*, Thousand Oaks, v. 4, n. 3, p. 369-392, 2002.
- FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 31, n. 7, p. 931-952, 1999.
- FRASER, B. Towards a theory of discourse markers. In : FISCHER, K. (Éd.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 209-226.
- GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In : GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. Essays on face-to-face behavior. New York: Pantheon Books, 1967[1955], p. 5-45.
- GROBET, A. (2000). *L'identification des topiques dans les dialogues*. 2000. 512 f. Thèse (Doctorat en Linguistique). Université de Genève, Genève.
- HAUGH, M. Impoliteness and taking offence in initial interactions. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 86, p. 36-42, 2015.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La mise en places. In : COSNIER, J. ; KERBRAT-ORECCHIONI, C. (Éds.). *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991, p. 319-352.
- KUYUMCUYAN, A. Entre connecteur et modalisateur : à propos de quelques emplois de *autant/façon de dire que*. *Journal of French Language Studies*, Oxford, v. 26, p. 29-43, 2016.
- LAFORÉST, M. De l'intérêt d'articuler les dimensions discursive et interactionnelle de la conversation: le cas d'une profession en voie de légitimation. *Langue Française*, Paris, v. 175, n. 3, p. 91-109, 2012.
- MANN, W. C. ; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, London, v. 9, n. 1, p. 57-90, 1986.
- MOESCHLER, J. *Argumentation et conversation : éléments pour une analyse pragmatique du discours*. Paris: Hatier-Credif, 1985.

- MOESCHLER, J. *Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle*. Paris : Armand Colin, 1996.
- MOESCHLER, J. Les connecteurs pragmatiques. In : REBOUL, A. ; MOESCHLER, J. *Pragmatique du discours*. De l'interprétation de l'énoncé à l'interprétation du discours. Paris : Armand Colin, 1998, p. 75-98.
- MOESCHLER, J. Causalité et argumentation : l'exemple de parce que. *Cahiers de linguistique française*, Genève, v. 29, p. 117-148, 2009.
- MOESCHLER, J., SPENGLER, N. de. La concession ou la réfutation interdite, approches argumentative et conversationnelle. *Cahiers de linguistique française*, Genève, v. 4, p. 7-36, 1982.
- PERRIN, L. Modalisateurs, connecteurs, et autres formules énonciatives. *Arts et Savoirs*, Paris, v. 2, p. 1-24, 2012.
- ROSSARI, C. *Connecteurs et relations de discours : des liens entre cognition et signification*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 2000.
- ROULET, E. Stratégies d'interaction, modes d'implication et marqueurs illocutoires. *Cahiers de linguistique française*, Genève, v. 1, p. 80-103, 1980.
- ROULET, E. *La description de l'organisation du discours : du dialogue au texte*. Paris : Didier, 1999.
- ROULET, E. Enoncé, tour de parole et projection discursive. In : BERTHOUD, A. C. ; MONDADA, L. (Éds.). *Modèles du discours en confrontation*. Berne : Peter Lang, 2000a, p. 5-22.
- ROULET, E. Une approche modulaire de la complexité de l'organisation du discours. In : NØLKE, H. ; ADAM, J.-M. (Éds.). *Approches modulaires*. De la langue au discours.. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 2000b, p. 187-258.
- ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In : FISCHER, K. (Éd.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 115-131.
- ROULET, E. ; AUCHLIN, A. ; MOESCHLER, J. ; RUBATTEL, C. ; SCHELLING, M. *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne : Peter Lang, 1985.
- ROULET, E., FILLIETTAZ, L., GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne : Peter Lang, 2001.
- TABOADA, M. Discourse markers as signal (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 38, n. 4, p. 567-592, 2006.
- VINCENT, D. ; HEISLER, T. L'anticipation d'objections : prolepse, concession et réfutation dans la langue spontanée. *Revue québécoise de linguistique*, Québec, v. 27, n. 1, p. 15-31, 1999.
- VION, R. *La communication verbale : analyse des interactions*. Paris : Hachette, 1992.
- ZUFFEREY, S. «Car, parce que, puisque» revisited: three empirical studies on French causal connectives. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 44, n. 2, p. 138-153, 2012.